

A questão da ambivalência em “A terceira margem do rio”*

*José Osmar de Melo***
PUC Minas

O pior cego é aquele que quer ver.

Guimarães Rosa

Sou o que não foi, o que vai ficar calado.

Guimarães Rosa

Este trabalho se propõe a analisar o conto “A terceira margem do rio”¹ pelo viés da ambivalência. Veja-se que o título da narrativa já provoca no leitor uma sensação de estranheza. Como pode um rio ter a terceira margem? De cara, notamos algo de insólito no frontispício do texto. Walnice Nogueira Galvão,² em estudo sobre esta fábula afirma que a terceira margem do rio é *a que não é*. Segundo ela, um rio é constituído por duas margens, a do lado de cá e a do lado de lá, que reciprocamente se remetem. Entretanto, entre elas corre o rio, imagem da continuidade.

Na acepção da estudiosa, *o rio* teria *duas margens que são, e uma terceira que não é*. Esta última seria o mistério, o desconhecido, o insondável, o indizível. Veja-se que o pai, ao fazer a transição do

* Trabalho final do curso “O conto rosiano: narrador e tempo/espço da narrativa”, ministrado pela Profa. Dra. Márcia Marques de Moraes no Doutorado em Literaturas de Língua Portuguesa da PUC Minas.

** Doutorando em Literaturas de Língua Portuguesa – PUC Minas.

¹ GUIMARÃES ROSA, 1978. p. 27-42.

² Cf. GALVÃO, 1978.

mundo real, do *logos*, do pragmatismo para o mundo do mistério, ou seja, do mundo da terra (esta, metáfora do real) para o mundo da água (esta, metáfora do onírico, do irreal), nunca mais fala. Protegido por sua canoa/ermida, sua condição existencial, a partir de então, é assinalada pelo estado de incomunicabilidade e de ilhamento.

Ainda na esteira de Walnice Nogueira Galvão, é importante ressaltar, também, que um rio tem duas margens de igual estatuto, e não uma primeira ou uma segunda margem. A mudança para o ordinal incide ainda numa seriação e numa temporalidade. Se há duas margens, não uma primeira e uma segunda, como pode haver uma terceira? Somente no plano do que é insólito, do que não se pode explicar pela lógica binária.

Mas não é só isso. Walnice Nogueira Galvão omitiu a outra faceta do rio: a da descontinuidade, metaforizada na fluência das águas, ou, como diria Luiz Costa Lima,³ em seu transcurso irreversível, que redundava em abandono e esquecimento. Heráclito, filósofo grego, trabalhou essa questão de maneira *sui generis* ao afirmar que um homem não se banha duas vezes no mesmo rio. O rio será sempre outro. E o homem também. Portanto, também o rio caracteriza-se pela ambivalência. A metáfora de Heráclito, acerca da imagem do rio, confirma isso. Logo, *tudo é e não é* ao mesmo tempo.

Como sabemos, a lógica peculiar da imaginação rosiana não pressupõe a exclusão do termo contrário. No *Grande sertão: veredas*,⁴ três frases são recorrentes e servem para ilustrar essa questão na fatura poética de Guimarães Rosa. A certa altura desse romance, o narrador afirma: “O sertão é e não é” (= “Tudo é e não é”). Esta premissa lhe permite dizer que “O sertão está em toda parte”. Eis aí a questão da ambivalência, que determina a psicologia dos personagens, a mecânica de suas ações e, sobretudo, a coreografia de suas incertezas, uma das marcas fortes da narrativa rosiana.

³ COSTA LIMA, 1969. p. 71-79.

⁴ Cf. GUIMARÃES ROSA, 1986.

No conto em estudo, a ambivalência se duplica: onde deveríamos tomar o rio como signo da vida, devido à sua conexão com o relacionamento entre pai e filho, ele se revela como signo de finitude e de morte. O rio isola o pai, e depois o filho, da vida. Por outro lado, onde deveríamos tomá-lo como transcurso inapelável, como na metáfora de Heráclito, transparece a permanência de um sentido único: pai e filho compartilham um mesmo destino.

Podemos dizer que “A terceira margem do rio” é uma fábula, a um só tempo, singela e complexíssima. Há um filho, que é o narrador, e há o pai. O filho conta, retrospectivamente, que o pai, “homem cumpridor, ordeiro, positivo”,⁵ e sobretudo silencioso, certo dia mandou fazer para si uma canoa. A mãe ficou contrariada com a idéia, pensava que o marido tornar-se-ia afeito a caçadas e pescarias, contrariando tudo que fora até então. Mas não foi o que houve: pronta a canoa, o pai despediu-se da família e partiu para o meio do rio que passava próximo à casa, sem ir a lugar algum. Permanecia sempre na pequena embarcação e não falava com ninguém. Alimentava-se com a comida que o filho furtava da despensa e deixava junto à margem. Aos poucos, a família foi-se ajeitando à nova situação. O irmão da mãe tomou conta dos negócios da família. A filha se casou, ficou grávida, teve o bebê e foi morar em outro lugar. O outro filho transferiu-se para uma cidade. Até a mãe acabou indo embora, morar com a filha. Só ficou o filho-narrador, que, aos olhos dos outros, cada vez se assemelhava mais, física e psicologicamente, ao pai. Não se casou. Sentia uma culpa inexplicável, que o fazia dedicar-se exclusivamente ao pai. Um dia, percebendo que o pai estava velho, o filho foi até a margem e se dispôs a tomar o seu lugar na canoa. Pela primeira vez, o pai demonstrou escutar o filho. Pareceu ter aceito a proposta. Mas o filho fraquejou ante aquele destino e fugiu. Ao final do relato, pede que, quando morrer, o depositem numa canoa e o lancem ao rio.

Esse é o sumário da estória. Não é quase nada. No entanto, o assunto implica questões imensamente complicadas. Em primeiro

⁵ GUIMARÃES ROSA, 1978. p. 27.

lugar, é fundamental ressaltar, por exemplo, que o filho constrói a narrativa, e reconstrói a figura do pai, a partir de informações de estranhos e de suas próprias lembranças parciais:

Nosso pai era homem cumpridor, ordeiro, positivo; e sido assim desde mocinho e menino, pelo que testemunharam as diversas sensatas pessoas, quando indaguei a informação. Do que eu mesmo me alembro, ele não figurava mais estúrdio nem mais triste do que os outros, conhecidos nossos. Só quieto.⁶

Vemo-lo fazer isso sob a égide de sua gigantesca angústia, quando, já na velhice, tenta recuperar a memória de seu trágico passado, este, notadamente, marcado pela solidão e pelo estado de incomunicabilidade e de ilhamento, situações-limites geradoras do sentimento de angústia. Aliás, a angústia é o elemento-chave desta narrativa. Heidegger diz que ela

é o sinal do sentimento autêntico da condição humana. A angústia é a percepção brutal e nua de nosso estar-no-mundo, da mundanidade do mundo em estado puro, de nosso desamparo, abandono e do nosso ser-para-a-morte. Ao contrário de um sentimento solitário, anêmico e pequeno-burguês, a angústia surge em reação à cotidianidade pequeno-burguesa, onde o ser se instala confortavelmente entre os seus objetos, onde suas propriedades, seus bens, seu bom senso, seu caráter, sua natureza e seu temperamento escondem seu desamparo e abandono.⁷

Ou seja, na angústia a realidade se esvazia. Sua consistência se esvai, o nada bate à nossa porta, e a perdição nos invade inteiramente. O objeto da angústia é o nada. A angústia não deixa ninguém se enganar, porque conserva a memória do perdido, do espantoso nada que somos. Este parece ser o drama do filho-narrador. Ao rememorar o passado, ele toma conhecimento de seu estado de abandono e desamparo existencial, estes resultantes de sua postura pendular em relação ao pai.

⁶ GUIMARÃES ROSA, 1978. p. 27.

⁷ MOUNIER, 1970. p. 51-52.

Em “A terceira margem do rio”, a angústia se configura como uma uma mescla de desejo de vida (a fuga) e desejo de morte (o pedido). No entanto, o filho-narrador não assume nem uma coisa nem outra. Ele não dá conta de ser *para-si* nem *para-o-outro* (o pai). Daí o fato de permanecer no entrelugar. Esta situação é que o imobiliza inexoravelmente em face da existência.

Por outro lado, somos levados também a desconfiar do relato deste narrador. Por quê? Justamente pelo fato de o filho exagerar, por exemplo, sua condição de vítima. Só temos o discernimento dele sobre o que observa e apresenta ao leitor. Seria ele um fingidor? Um ironista? Talvez. Mas não é do meu interesse abordar o conto pelo viés das poéticas do artifício. Apenas levanto uma hipótese.

Afinal, é o filho mesmo, e não o pai, o seu maior algoz: é por sua própria vontade, e não por nenhum desejo manifesto pelo pai, que ele permanece solteiro e solitário, disposto a continuar servindo-o. Ironicamente, Rosa faz seu personagem pensar que sustenta o pai, ao levar-lhe alimentos. Num instante patético, o filho diz: “Nosso pai carecia de mim, eu sei-na vagação, no rio no ermo-sem dar razão de seu feito.”⁸ Mas o narrador tem de admitir que os mantimentos deixados para o pai mal eram tocados:

O que consumia de comer, era um só quase; mesmo do que a gente depositava, no entre as raízes da gameleira, ou na lapinha de pedra do barranco, ele recolhia pouco, nem o bastável. Não adoecia? E a constante força dos braços, para ter tento na canoa, resistido, mesmo na demasia das enchentes, no subimento, aí quando no lança da correnteza enorme do rio tudo rola o perigoso, aqueles corpos de bichos mortos e paus-de-árvores descendo de espanto de esbarro.⁹

O que intriga o filho é o mistério da autonomia do pai: como ele pode, ao contrário dele, existir tão-somente por si, em si, para si? O remordimento das lembranças é uma maneira involuntária de tentar decifrar este enigma:

⁸ GUIMARÃES ROSA, 1978. p.31.

⁹ GUIMARÃES ROSA, 1978. p. 29-30.

Não, de nosso pai não se podia ter esquecimento; e, se, por um pouco, a gente fazia que esquecia, era só para despertar de novo, de repente, com a memória, no passo de outros sobressaltos.¹⁰

O que mais perturba o filho não é o fato de o pai ter ido embora, mas a “*estranheza*” de sua fuga. Isso lhe provoca um sentimento de perplexidade: permanecer no meio do rio, sem ir a lugar algum, silencioso, mas também sem voltar. Uma distância que mantém uma sedutora e perigosa proximidade. “Aquilo que não havia, acontecia.” (p. 28)

As suposições da população do local sobre o motivo da partida do pai ressaltam os mecanismos da influência do universo do senso-comum, este empanado pelos valores da cultura: o isolamento dever-se-ia a uma obrigação religiosa (“pagamento de promessa”) ou ao temor de contaminar os familiares com uma doença contagiosa. Trata-se precisamente de uma forma de devoção e de enfermidade, e o filho não escapou do contágio. Ele tenta descobrir as razões da atitude paterna:

Seja que, quando eu quis saber, e firme indaguei, me diz-que-disseram: que constava que nosso pai, alguma vez, tivesse revelado a explicação, ao homem que para ele aprontara a canoa. Mas, agora, esse homem já tinha morrido, ninguém soubesse, fizesse recordação, de nada, mais.¹¹

O conflito do filho parece ser existencial. Ele não consegue apreender o grande enigma pai. Por mais que procure compreendê-lo, sua tentativa acaba se resvalando no espanto, no silêncio, no indizível e na incompreensão. E quanto mais indaga, mais angustiado e mais culpado se sente. Porém o filho mesmo não compreende a razão de sentir a medonha culpa que se imprime a seu relato:

¹⁰ GUIMARÃES ROSA, 1978. p. 30.

¹¹ GUIMARÃES ROSA, 1978. p. 30.

Sou homem de tristes palavras. De que era que eu tinha tanta, tanta culpa? (...) Apertava o coração. Ele estava lá, sem a minha tranqüilidade. Sou o culpado do que nem sei, de dor em aberto, no meu foro. (...) ¹²

Eis aí o maior dilema dele: a angústia. E, ao que parece, ela é fruto de ele não se sentir chamado para alguma missão, como o pai. Ele, a terra, observa o grande sacrifício do pai, no rio, naquela vagação inútil. E ele, mesmo conservando mais vigor que o pai, não atende a uma vocação, ao chamado de uma voz interior. Ele nem sequer ouve essa voz. Portanto, talvez não se trate tanto de uma culpa, como é dito literalmente, mas sim de uma forma de angústia, fomentada justamente pelo fato de o filho não se sentir convocado para nenhum destino alheio àquela torpe submissão ao pai que cortou todos os vínculos com ele.

É aí que me arrisco a dizer que, por detrás deste relato trágico, talvez esteja a tentativa do autor implícito de problematizar a questão da origem (= Criação). Paulo Rónai, outro estudioso do escritor de *Manuelzão e Miguilim*, faz um estudo interessante sobre este assunto, porém a partir da perspectiva lingüística. Não da teológica. Tocarei na questão somente a título de ilustração, uma vez que não a pretendo desenvolver a partir do ponto de vista deste estudioso. O crítico literário aponta na escrita de Guimarães Rosa a primazia da “antonímia metafísica”, figura estilística que “surge em palavras que não indicam manifestação do real e sim abstrações opostas a fenômenos percebíveis pelos sentidos”. O tropo dá-se à luz em palavras como “desalegria”, “desverde”, “indestruir”, ou “acronologia”, entre outras, que, no contexto em que aparecem, “indicam algo mais do que a simples negação do antônimo: aludem a uma nova modalidade de ser ou de agir, a manifestações positivas do que não é.” ¹³

É o predomínio da “antonímia metafísica” que faz com que uma fábula tão terrível como “A terceira margem do rio” possa ser

¹² GUIMARÃES ROSA, 1978. p. 30.

¹³ RÓNAI, 1985. p. 220-225.

lida também como o sonho plácido de um instante anterior à origem. Há um componente cosmogônico, se não teogônico, muito forte no conto. Trata-se, porém, de uma imagem da criação que se situa, ironicamente, depois da destruição, depois da Queda. Um a um os personagens secundários se retiram de cena, e só resta, ao final, o núcleo irreduzível do mito: pai e filho. A simples contemplação daquele *agon* era por demais dolorosa. Gerar uma nova forma de vida é morrer um pouco e oferecer o exemplo dessa morte a todos que assistem à cena. É por isso que pensar num momento precedente à origem é tão difícil. É pensar o impensável.

Sabemos que a figura do pai, em nossa cultura, está impregnada da influência judaico-cristã. Daí ele costuma ser tomado como metáfora da Criação e da Lei. Nesse caso, ele se configura como o guardião da tradição e da continuidade. Entretanto, em *A terceira margem do rio*, o pai se apresenta como imagem da queda e da destruição. O filho é a continuidade do pai. No entanto, o pai é um homem decaído. Logo, manter o angustiante elo com ele não significa preservar a tradição e a continuidade, mas significa destruir-se também, uma vez que ele é a imagem da ausência e do silêncio. Aliás, o paradoxo da criação-destruição se concentra no tropo do silêncio (= ilhamento e incomunicabilidade). Guimarães Rosa lança mão do silêncio como metáfora mais apropriada para representar os indizíveis enigmas da vida e da morte.

Quando o pai vai embarcar na canoa, o filho pede para ser levado junto. O pai não responde, apenas volta o olhar para o filho e, com um gesto que é ao mesmo tempo de bênção e de repulsão, recusa sua companhia. Neste momento, o filho deveria ter-se dado conta de que a integração ao pai não seria possível, mas apenas sua superação.

Num primeiro momento, ele ainda vive na ilusão de que pode se conciliar com o pai, no entanto, sua angústia nasce justamente da frustração da vontade primeira que é alimentar a continuidade. Não é possível: o pai não o permite. O filho ainda olha para trás “para saber”, não compreendendo a verdade terrível na recusa do pai: – “Pai, o senhor me leva junto nessa sua canoa? Ele só retornou

o olhar em mim, e me botou a bênção, com gesto me mandando para trás. Fiz que vim, mas ainda virei, na grotta do mato, para saber. (...)”¹⁴

No jogo do olhar entre o pai e o filho estabelece-se um corte profundo. O movimento do olhar comprime um e outro num círculo vicioso: o filho foge da angústia porque ela é desamparo e abandono e busca no pai um fundamento que o tire desse lugar ameaçador da angústia, que é um sentimento de nadificação. Ao que parece, a grande tarefa do filho é tentar esquecer a angústia que é. O nada que é. Mas a busca de fundamento no pai não passa de um subterfúgio para ocultar de si mesmo o fato de que está fugindo da angústia. Quando ele se vira e olha o pai, perde-se no ser olhado, e esquece-se de si, angústia. Quando o pai o olha e rejeita sua presença junto dele na canoa, o olhar paterno lembra ao filho que ele é um ser desamparado (= falta de fundamento) e o devolve à sua angústia.

Segundo Sebastião Trogo,¹⁵ o olhar define dois momentos-limites da presença: o olhar objetivante, que transforma o outro em escravo, e o olhar objetivado, que consente na prisão imposta pelo outro. Em ambos os casos, retrata-se a mesma ambigüidade desse momento de fuga e de perseguição. Quando olhamos, nos deixamos consumir no nosso olhar sobre o outro e nos esquecemos da angústia que somos. Quando somos olhados, resignamo-nos à angústia que somos. Mas num e noutro movimento – de esquecimento e de resignação – estão presentes as atitudes estruturais que definem nossa presença contingente no mundo: *fuga e busca*. Fuga da angústia que somos e busca do fundamento que não temos. O filho busca no pai o fundamento que não tem. Porém o pai também é falta de fundamento (= desamparado, decaído, ser também nu). E, além do mais, configura-se como metáfora da descontinuidade.

Já a *figura da mãe* pode ser identificada como a que defende a *continuidade*. Sua força parece prevalecer no seio da família. Quando o marido decide partir, ela se dirige a ele de modo peremptório: “Cê

¹⁴ GUIMARÃES ROSA, 1978. p. 27-28.

¹⁵ TROGO, 1986. p. 52-53.

vai, ocê fique, você nunca volte!”¹⁶ A gradação do pronome – “cê, ocê, você” – enfatiza ainda mais o poder da palavra da matriarca. Depois da partida do marido, seu poder fica ainda mais patente: ela manda vir-lhe o irmão para auxiliar na fazenda e nos negócios. Contrata um mestre para cuidar da educação dos filhos. E mais: ela toma outras providências no fito de fazer o marido desistir daquela sua “doideira” de ficar naquela vagação inútil no meio do rio sem ir a lugar algum: chama o padre, representante do poder eclesiástico, e, a seguir, dois soldados, representantes do poder do Estado. Nisso ela é antitética em relação ao *pai*, que representa a *descontinuidade*. Não surpreende, portanto, que a mãe fique descontente com a intenção do pai de construir a canoa. Sua contrariedade é relatada pelo narrador em termos paralelamente contrários aos utilizados para descrever a reação tácita do pai: “Nossa mãe jurou muito contra a idéia” versus “Nosso pai não dizia nada”.¹⁷ Temos aí a oposição entre a *palavra* e *não palavra* como *elementos constitutivos e expressivos da autoridade*.

Em “A terceira margem do rio”, o pai não exerce sua autoridade pela palavra, embora seu próprio isolamento – expressão maior de sua autoridade – seja construído através da palavra: ele “*mandou* fazer para si uma canoa.” Não se trata de uma canoa qualquer, mas uma “canoa especial”: “(...) pequena, mal com a tabuinha da popa, como para caber uns vinte ou trinta anos.”¹⁸ O isolamento deve ser total – há espaço para só um indivíduo – e a ermida móvel deve estar preparada para resistir ao tempo. Assim se afigura, aos olhos do filho-narrador, a canoa/fortaleza (= espaço da solidão e do ilhamento) erguida pelo pai ao redor de si no meio do rio.

Como o rio, também *o pai é a imagem do que é e do que não é*. Aliás, o rio parece ser o duplo dele. Como este, o rio é “grande, fundo, calado que sempre”.¹⁹ Este estado de ambivalência do pai contamina

¹⁶ GUIMARÃES ROSA, 1978. p. 27.

¹⁷ GUIMARÃES ROSA, 1978. p. 27.

¹⁸ GUIMARÃES ROSA, 1978. p. 27.

¹⁹ GUIMARÃES ROSA, 1978. p. 27.

inexoravelmente o filho-narrador. Podemos dizer que *sua condição pendular*, na qual permanece até o desfecho da narrativa, impede-o de lidar com as forças contrárias que coabitam nele: vida e morte, ser e não-ser, continuidade e descontinuidade. Daí o fato de a ambigüidade ser a sua característica mais marcante.

Ele não se assume como filho porque não consegue assumir o pai: metáfora da origem. Ao permanecer à beira do rio à espera do regresso do pai e, conseqüentemente, preso a ele, o filho talvez queira decifrar o indecifrável. Ou senão espera dele a explicação de sua estranha fuga. O grande drama do filho é o não-entendimento desta “doideira” do pai. É ela que o desestrutura irremediavelmente. Sua hesitação, sua falta de definição, sua situação de entrelugar e, por conseguinte, a destruição de si mesmo são resultantes de sua impossibilidade de superar o pai e o tempo. Daí sua esterilidade em face da existência.

Porém, quando o pai cede ao seu pedido (= morte) e permite-lhe ocupar o lugar dele na canoa, o filho recusa-o, negando-se a ser o continuador do pai. Não o pode ser, uma vez que não se reconhece no lugar de filho. Daí não há outra saída a não ser a fuga do pai:

(...) Chamei umas quantas vezes. E falei, o que me urgia, jurado e declarado, tive que reforçar a voz: – “Pai, o senhor está velho, já fez o seu tanto... Agora, o senhor vem, não carece mais... O senhor vem, e eu, agora mesmo, quando que seja, a ambas vontades, eu tomo o seu lugar, do senhor, na canoa!...” E, assim dizendo, meu coração bateu no compasso do mais certo.

Ele me escutou. Ficou em pé. Manejou remo n’ água, proava para cá, concordado. E eu tremi, profundo, de repente: porque, antes, ele tinha levantado o braço e feito um saudar de gesto-o primeiro, depois de tamanhos anos decorridos! E eu não podia... Por favor, arrepiados os cabelos, corri, fugi, me tirei de lá, num procedimento desatinado. (...) ²⁰

Ao fugir do pai, o filho perde a ocasião de superá-lo. Não o conseguindo, permanece no entrelugar, isto é, no lugar do desconforto, entre a vida e a morte, entre o ser e o não-ser. Desse modo, ele perma-

²⁰ GUIMARÃES ROSA, 1978. p. 33.

nece na ignorância da origem. O desconhecido só se faz perceber nos termos do conhecido. O mal do filho parece ser não reconhecer o desconhecido que o habita (= o pai = origem). Negar o pai é negar-se a si mesmo. É não querer conhecer-se. Parece ser o que acontece ao filho. Quando tem a oportunidade de aproximar-se do pai, fraqueja e foge. Ao fazer isso, perde a ocasião de tomar-lhe o lugar e, com isso, de se assumir como filho.

Já na velhice, cheio de “achques, ânsias, perrenguices de reumatismo”,²¹ ao se pôr a contar sua história, o narrador apreende todo o terror da sua condição tardia:

(...) Sou o que não foi, o que vai ficar calado. Sei que agora é tarde, e temo abreviar com a vida, nos rasos do mundo. Mas, então, ao menos, que, no artigo da morte, peguem em mim, e me depositem também numa canoinha de nada, nessa água, que não pára, de longas beiras: e, eu, rio abaixo, rio afora, rio adentro – o rio.²²

O filho-narrador, como Riobaldo, na tentativa de desvelar o mistério da existência e compreender a vida, chega próximo ao cerne do sentido da ventura de seu pai, e de sua própria, no final, quando percebe que “essa vida era só o desmoronamento”.²³

Podemos depreender da fala do filho-narrador – “Sou homem, depois desse falimento? Sou o que não foi, o que vai ficar calado. (...)” – *sua triste condição* de *não-ser* pelo fato de ter sido assinalado pela *imobilidade* e pela *esterilidade*. Não se casou. Não teve filhos. Não estabeleceu vínculos afetivos com ninguém. Permaneceu no lugar indefinido, não-lugar herdado do pai, o lugar sem-saída. Por não superá-lo, não conseguiu sair de seu estado de ilhamento e de incomunicabilidade.

Ao final do conto, o filho-narrador pede que, ao morrer, seja colocado numa canoa: uma forma de reparar a fuga e a negação do pai? De assumir o lugar que recusara, mesmo que simbolicamente,

²¹ GUIMARÃES ROSA, 1978. p. 31.

²² GUIMARÃES ROSA, 1978. p. 32.

²³ GUIMARÃES ROSA, 1978. p. 31.

uma vez que já estará morto? Ao que tudo indica, sim. Como assinala o travessão final, o filho tornar-se-á o pai, o rio, o tempo – “(...) e, eu, rio abaixo, rio afora, rio adentro-o rio.”²⁴

Se em *Grande sertão: veredas* Riobaldo tenta, mediante a narrativa de sua vida, vir a compreendê-la, o mesmo não podemos dizer com relação ao narrador de *A terceira margem do rio*. Este, ao que parece, só vê redenção para si na morte, esta apaziguadora de todos os contrários.

Referências Bibliográficas

1. Do autor

GUIMARÃES ROSA, João. A terceira margem do rio. In: *Primeiras estórias*. 11. ed. Rio de Janeiro: Ed. José Olympio, 1978. p. 27-42

GUIMARÃES ROSA, João. *Grande sertão: veredas*. 20. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

GUIMARÃES ROSA, João. Aletria e hermenêutica. In: *Tutaméia*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985. p. 7-17.

2. Sobre o autor

COSTA LIMA, Luiz. O sertão e o mundo: termos da vida. In: *Por que literatura*. Petrópolis: Vozes, 1969. p. 71-97.

GALVÃO, Walnice Nogueira. *Mitológica rosiana*. São Paulo: Ática, 1978.

RÓNAI, Paulo. As estórias de Tutaméia. In: *Tutaméia*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985. p. 220-225.

TROGO, Sebastião. A trama do olhar no *Grande sertão: veredas*. *Kriterion*, Revista de Filosofia da Faculdade de Filosofia da UFMG, Belo Horizonte, Imprensa Universitária, n. 76, p. 52-53, jan.-jun. 1986.

3. Filosofia

MOUNIER, Emmanuel. *Introduction aux existentialismes*. Paris: Gallimard, 1969.

²⁴ GUIMARÃES ROSA, 1978. p. 32.

Resumo

Este ensaio analisa o conto “A terceira margem do rio”, de João Guimarães Rosa, com o objetivo de explorar nele, mediante o viés da ambivalência, as complexas relações entre filho e pai, a partir de uma perspectiva literária e filosófica.

Résumé

Dans cet essai, on analyse le conte **A terceira margem do rio**, de João Guimarães Rosa, avec l'objectif d'y étudier, par la voie de l'ambivalence, les complexes rapports entre père et fils, à partir d'une perspective littéraire et philosophique.